

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

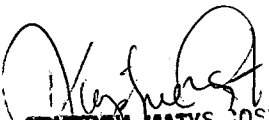
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO

DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

GRUPOS DE TERCEIRA IDADE:

UMA OPÇÃO DE VIDA PARA SEUS COMPONENTES

Aprovado Pelo DSS
Em 18 / 12 / 95


CRYSTINA MATYS JOSÉ
do Depto. de Serviço Social
CSE-UFSC

*Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado ao Departamento de Serviço
Social da Universidade Federal de Santa
Catarina para obtenção do título de
Assistente Social pela Acadêmica:*

Marlene Michielin

Florianópolis, dezembro de 1995

*Por quantas estradas, entre as estrelas,
precisa o homem mover-se em busca do
segredo final?*

*A jornada é difícil, infinita,
às vezes impossível, no entanto, isto não
impede que alguns de nós a tentemos...*

*Poder-se-ia dizer que nos reunimos à
caravana em um certo ponto; viajaremos
até onde for possível; mas não podemos,
durante uma vida, ver tudo o que
gostaríamos de observar ou aprender
tudo que desejaríamos saber. -*

*Loren Eiseley
A Jornada Infinita.*

À meu pai Antônio Michielin (In memória)

Por sua bondade e carinho.

*À minha mãe Therezinha Nair Michielin,
por seu espírito de luta, e lição de vida.*

AGRADECIMENTOS

À Professora Zulamar Maria Bittencourt de Castro, pelo apoio e colaboração, na realização deste trabalho.

À Vera Nícia de Araújo Miranda Ramos pelo incentivo no decorrer do estágio.

À professora Nilva Souza Ramos pela orientação durante a realização deste trabalho.

À Maria Martins da Silva, que se revelou uma grande amiga, quando eu mais precisei.

Aos Idosos dos Grupos, que tive oportunidade de conhecer pelo carinho recebido.

À minha família pela compreensão, durante o curso.

Ao Gabriel, pelos momentos felizes que passamos juntos.

A todas as pessoas que me incentivaram, e ou, me criticaram, mas que de alguma maneira contribuíram para a realização deste curso.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	06
CAPÍTULO - I.....	08
1.1 - Considerações Sobre: A Ação Social Arquidiocesana de Florianópolis - ASA:.....	09
1.2 - Paróquia Nossa Senhora de Lourdes e São Luiz e Sua Ação Social.....	16
1.3 - O Grupo de Senhoras São Luiz.....	19
CAPÍTULO - II	32
2.1 - Grupos De Terceira idade - Uma Opção para o Idoso.....	33
2.2 - Grupo de Idosos Santana a Partir de Seus Componentes.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	55

INTRODUÇÃO

Neste trabalho apresentaremos nossa experiência vivenciada como estagiária de Serviço Social, junto ao Grupo de Idosos Santana.

Pretendemos expor, a partir do vivido no cotidiano o significado do Grupo de Idosos para seus componentes, com os quais, nos relacionamos através da prática de estágio curricular do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina, durante o período de abril a dezembro de 1995.

^ Nosso tema aborda o significado do Grupo na vida de seus componentes, como resultado de um processo de transformação pessoal e social, ocorrido através da participação.

A partir do diálogo, e nossa vivência possibilitou-nos entender o significado do Grupo na vida da pessoa idosa.

Entendemos que o ser humano é um ser social por natureza, e consequentemente tem necessidade de estar na sociedade e/ou fazer parte de Grupos Sociais.

A apresentação deste trabalho, far-se-á em dois capítulos:

No primeiro, faremos algumas considerações sobre a Ação Social Arquidiocesana de Florianópolis - ASA, a qual nos proporcionou o espaço para nossa prática de estágio, bem como falaremos da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes e São Luiz e de sua Ação Social, por ser este o local onde o Grupo de Idosos Santana desenvolve suas atividades.

No segundo capítulo, falaremos do Grupo de Idosos Santana, a partir da observação, entrevistas e comentários de seus componentes.

Para fundamentar nossa práxis, abordaremos as seguintes categorias: conscientização, participação, amizade e transformação.

Dando sistematização ao trabalho, utilizamos a fenomenologia, por entendermos ser o método “mais adequado à captação da realidade social”.¹

Finalizando este trabalho de Conclusão de Curso, apresentaremos nossas considerações finais, onde a partir do vivido e observado durante nossa práxis, teceremos um retorno reflexivo como estagiaria do Curso de Serviço Social.

Consta ainda, as referências bibliográficas que nos ajudaram na fundamentação teórica deste trabalho.

¹ CAPALBO(1979,p:9)

CAPÍTULO - I

1.1 - CONSIDERAÇÕES SOBRE: A AÇÃO SOCIAL ARQUIDIÓCESANA DE FLORIANÓPOLIS - ASA

Neste primeiro momento, situaremos a Ação Social Arquidiocesana de Florianópolis - ASA, que foi fundada em 17 de novembro de 1960, e organizada estatutariamente em 17 de novembro de 1966, quando adquiriu personalidade jurídica.²

A Ação Social Arquidiocesana - ASA é uma instituição vinculada à Arquidiocese de Florianópolis, cujos objetivos é prestar Assistência Social à população através de:

- Realizar estudos sobre os problemas de assistência social, de educação de base e de promoção humana;

² Diário Oficial do Estado de Santa Catarina, 27.05.70.

- Colaborar na formação da consciência particular e pública, para que, no ambiente social, vigorem a solidariedade e fraternidade humana, a justiça social, e sobretudo, a caridade cristã;
- Planejar e promover a ação conjunta das Obras e Movimentos que visem a assistência social e a promoção humana.
- Providenciar e promover campanhas junto à comunidade local, que visem a obtenção de recursos materiais e humanos para seus programas normais ou para o atendimento das vítimas de eventuais catástrofes;
- Divulgar os trabalhos da Igreja no campo social e educativo.

A Ação Social Arquidiocesana de Florianópolis, desde sua fundação abriu espaço para os estudantes do Curso de Serviço Social, desenvolverem seus estágios curriculares, junto às Paróquias da Arquidiocese.

Podemos destacar três fases de atuação da ASA, que marcaram sua trajetória.

Na primeira fase, consideramos o período de 1966 a 1969, quando a Ação Social Arquidiocesana de Florianópolis - ASA tinha uma relação com a Cáritas Brasileira, instituição esta, ligada à órgãos internacionais que organizava a distribuição de alimentos aos pobres nas comunidades, funcionava inclusive, como um escritório da mesma; recebia alimentos provenientes do Programa Aliança Para o Progresso - Alimentos da Paz, “auxílio prestado por países desenvolvidos aos países ditos de terceiro mundo ou subdesenvolvidos”, que eram re-

passados às Obras Sociais, numa forma mais organizada da distribuição destes. Ainda, neste período foi firmado convênio com a LBA - Legião Brasileira de Assistência, que oferecia recursos para manutenção dos cursos de educação de base e os grupos sociais que foram criados nas Obras Sociais filiadas à ASA.

Em sua segunda fase, relativa ao período 1969 a 1977, acentua-se sua atuação voltada para a promoção humana e para a sistematização dos trabalhos junto às comunidades.

Neste período a ASA, incentiva para que as Obras Sociais Filiadas adquiram sua própria documentação de personalidade jurídica, bem como, assumam a responsabilidade da centralização de convênios com o exterior; prestação de contas, e relatórios, mantendo maior autonomia em sua programação, deixando assim de ser um escritório da Cáritas, ou entidade repassadora de recursos, como acontecia até esta data.

Priorizando apenas em sua programação, os trabalhos de capacitação profissional através de cursos semi-profissionalizantes, organização de grupos comunitários, com incentivo à formação de lideranças; coordenação das Obras Sociais filiadas.

Em 1975, destaca-se o início da atuação da ASA no projeto de Comunidades Eclesiais de Base *"a Igreja no seu tamanho menor, ou seja, uma comunidade unida pela fé e a caridade cristã"*³ e a criação do Projeto Mensagei-

³ Manual Das Comunidades Eclesiais de Base. 2ª ed. 1974.

ro da Caridade “*Organização de doações para angariar fundos para comunidades carentes*”.

A partir de 1977, ou seja, a terceira fase, se caracterizou por ações de transformações, no que diz respeito ao papel da própria ASA, como o de Evangelizar as comunidades “*incentivando para que participem de um processo histórico cuja origem tem os desígnios da Igreja*”, preferencialmente onde se encontra o Povo em processo de empobrecimento, dando prioridade à capacitação profissional; organização das comunidades; projetos de atendimento às crianças de rua e periferia. E a orientação maior para a consolidação jurídica das Obras Sociais, que já efetuam convênios com a LBA. Passando neste momento, a atuar através da assessoria às obras sociais a ela filiada, criando assim uma relação de maior autonomia.

A idéia da abertura de um trabalho transformador foi se desenvolvendo, na Ação Social Arquidiocesana de Florianópolis - ASA, e alterando seu papel junto as Obras Sociais: reforço às organizações populares, busca de novas lideranças, trabalho de organização de meninos e meninas das comunidades de periferia, e meninos de Rua de Florianópolis, assessoria aos Grupos de Idosos das Ações Sociais Paroquiais, coordenação dos projetos (da Arquidiocese) para a área da saúde, com prioridade à medicina preventiva.

A história das ações desenvolvidas pela ASA, neste período, fundamenta-se na busca da construção de novas relações sociais que privilegiem a “*justiça e a vida*”.

A década de 90, é essencialmente marcada por um novo quadro na educação dos Direitos, que inclui a participação popular e propõe a ruptura com a passividade às questões sócio-políticas que devem envolver o conjunto da sociedade.

Dentro deste panorama, as ações desenvolvidas pela Ação Social Arquidiocesana de Florianópolis - ASA, possibilitam caracterizá-la como uma entidade comprometida com a mudança da atual estrutura e as relações sociais por ela impostas. Concretamente esse compromisso se expressa através da intervenção direta junto aos Conselhos paritários nas áreas da Saúde, Crianças e Adolescentes, Idosos e Assistência Social. Além disto, vem se constituindo como referência no apoio e atuação junto aos Fóruns da Sociedade Civil, e como espaço privilegiado de articulação das suas ações.

Ainda fazem parte da programação da ASA, “*projetos de produção*” em diversas comunidades; buscando alternativas de abastecimento, como criação de uma cooperativa que atualmente beneficie 13 comunidades de periferia, através dos armazéns comunitários:

- assessoria a 7 programas comunitários de atendimento a crianças e ao adolescente, destacando-se neste atendimento a superação a práticas pedagógicas

assistencialistas e conservadoras, abrindo-se espaços para práticas que, considera a criança e o adolescente como sujeitos do processo do ensino-aprendizagem;

- assessoria para aproximadamente 80 grupos de Idosos vinculados às Ações Sociais Paroquiais, buscando-se para a população da Terceira Idade melhoria na qualidade de vida, espaço e conquista de seus direitos de cidadania;
- atendimento de medicina alternativa, enfatizando-se o uso de ervas medicinais;
- formação de grupos de trabalhos, para capacitação profissional, conforme necessidade e levantamento prévio da realidade;
- Contribuição para formulação, execução e implementação de políticas públicas;
- Ação interventiva junto a movimentos públicos;
- Contribuição para a evangelização das comunidades, por meio de práticas concretas na busca constante e permanente da efetividade da cidadania;
- Capacitação continuada e/ou reatualização dos agentes envolvidos nos trabalhos da ASA.⁴

Direcionando seus projetos e atividades às comunidades carentes, a ASA, atua diretamente nas paróquias à ela vinculada. Entre estas, encontramos a Paróquia Nossa Senhora de Lourdes e São Luiz, a qual faremos algumas coloca-

⁴ Relatório elaborado pela Equipe Executiva da Ação Social Arquidoicesana. (1995).

ções no próximo item, sobre seu surgimento, bem como, sobre o início e objetivos da Ação Social São Luiz.

1.2 - PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE LOURDES E SÃO LUIZ E SUA AÇÃO SOCIAL

A Paróquia⁵ Nossa Senhora de Lourdes e São Luís, pertence à Arquidiocese de Florianópolis, e situa-se no Bairro Agrônômica da cidade de Florianópolis.

Em 1929, o então Bispo Diocesano, Dom Joaquim Domingues de Oliveira, adquiriu terras na Região do Bairro de Pedra Grande, hoje denominado Bairro Agrônômica, onde, em uma casa de moradia readaptada, situada à rua Frei Caneca, nº 64, foi instalada uma Capela provisória, cuja inauguração aconteceu no dia 22 de setembro de 1929.⁶ Mas, somente em 15 de novembro de 1950, por decreto Episcopal, que foi fundada a Paróquia Nossa Senhora de Lourdes e São Luiz, por iniciativa do pároco, e a colaboração de alguns paro-

⁵ PARÓQUIA: é uma célula da grande organização da igreja, uma comunidade organizada da igreja. CAPAVERDE, Leonia. T.C.C. (1962, p: 2).

⁶ CAPAVERDE, Leonia, T.C.C. (1962)

quianos, logo após a inauguração da Paróquia foi criada A Ação Social São Luiz, uma instituição que tinha por objetivos dar tratamento médico e assistência farmacêutica aos pobres da Paróquia, bem como a promoção da instrução intelectual, profissional e religiosa das pessoas pertencentes à comunidade.

O trabalho da Ação Social São Luiz, teve início com atendimento aos doentes necessitados, numa sala junto à Paróquia, onde médicos e enfermeiras prestavam seus serviços, com a colaboração de pessoas voluntárias que auxiliavam no encaminhamento dos pacientes, e desenvolviam os trabalhos de educação comunitária.⁷

A partir de 1959, inicia-se uma mudança nos encaminhamentos das ações com entrada de alunos ligadas à área social.

A fundação da Faculdade de Serviço Social em Santa Catarina, neste ano, constitui-se num marco decisivo para que muitas instituições implantassem o Serviço Social na sua ação interventiva junto à população através dos campos de estágio.

Na paróquia Nossa Senhora de Lourdes e São Luiz, junto à Assistência Social São Luiz, o estágio curricular de alunos do Curso de Serviço Social teve início no dia 30 de março de 1959, com duas estagiárias desenvolvendo suas atividades sob a supervisão de uma professora da Faculdade.

O primeiro trabalho desenvolvido, por exigência do Serviço Social e por solicitação do Pároco, foi a realização de uma pesquisa junto às famílias per-

⁷ CASTRO, Zulamar Maria Bittencourt, (T.C.C. 1963)

tencentes à Paróquia, onde, através de visitas domiciliares, seriam preenchidos formulários pré estabelecidos, que objetivava o conhecimento da situação religiosa, moral, educacional, e econômica das mesmas.

Nesse período, as estagiárias se utilizaram de um contingente de 155 entrevistas, correspondendo às visitas realizadas, o que foi suficiente para o conhecimento de inúmeras dificuldades, cujo atendimento seria realizado pelas estagiárias.⁸

Num trabalho conjunto, interdisciplinar, serviço social e saúde, iniciaram os atendimentos junto à Assistência Social São Luiz, numa pequena sala que constituiu-se num processo de plantão, para atender quem dele necessitasse, ou auxiliar no encaminhamento para outras instituições.

Em 1960, as estagiárias iniciaram uma nova forma de atuação, começando então o trabalho com Grupos. É neste processo que surge “*O Grupo de Senhoras São Luiz*”, qual passaremos a descrever no próximo item.

⁸ SERVIÇO SOCIAL DE CASOS: método de atuação em Serviço Social. (ESTEVÃO, Ana Maria, O que é serviço Social. 1984, p: 23).

1.3 GRUPO DE SENHORAS SÃO LUIZ

Buscando o conhecer o Grupo de Senhoras São Luiz, por indicação de seus membros entrevistamos a Professora Zulamar Maria Bittencourt de Castro, que foi a fundadora do mesmo, quando foi estagiária de Serviço Social junto a Ação Social São Luiz.

Na entrevista realizada em 10 de outubro de 1995, Zulamar coloca:

“Iniciamos nosso estágio, na Assistência Social São Luiz, em 1960. Onde, a Faculdade de Serviço Social recém criada, fizera um de seus campos de Estágio, junto à Paróquia Nossa Senhora de Lourdes e São Luiz.

Como aluna da segunda turma do Curso, participei da equipe de estagiárias na Assistência Social São Luiz. Da primeira turma, algumas faziam estágio no Morro do Céu na mesma Paróquia, atuavam já em um trabalho mais avançado organizando uma associação de moradores.

Na Assistência Social São Luiz, iniciei o estágio com a prática de Serviço Social de Casos, no segundo ano, passei à prática de Serviço Social de Grupo, e no terceiro ano, ao Desenvolvimento e Organização de Comunidade, e em Ação interativa, no âmbito da comunidade, que para nós se encontrava na Rua São Francisco de Paula e nos seus arredores, ruas estas que subiam em direção ao morro e que localizavam uma população de baixa renda, e que eram minimamente atingidas pelos serviços públicos.

Como projeto de Serviço Social de Grupo, me propus a criar um grupo de mulheres, que poderiam ir construindo relações participativas e instrumentalizando possível núcleo de organização comunitária.

Tínhamos pois, uma intencionalidade:

- Criar relações participativas e fazer surgir destas relações formas de organização popular, nesta área, localizada no Bairro da Agrônômica.

Como alunas, deveríamos na época, criar nossas próprias possibilidades de fazer a experiência em Serviço Social de Casos, Serviço Social de Grupo e Desenvolvimento e Organização de Comunidade.

Precisávamos para isto, ser criativas, ter iniciativa e ir em frente em nossos projetos.

Fiz visitas e conversei com algumas mulheres da rua São Vicente de Paula, na maioria donas de casa, que moravam nas proximidades de um rústico salão, que se localizava no alto da rua São Vicente de Paula.

Falava com estas mulheres de nossa intenção, de criar um 'GRUPO DE MULHERES', e, interpretava que, era aluna do Curso de Serviço Social, e queria fazer algo com a população do Bairro, em benefício da comunidade. Indagava do interesse da entrevistada, em participar de um grupo de mulheres e pedia sugestões para objetivá-lo. Uma das sugestões, foi o interesse das mulheres das proximidades da Assistência Social São Luiz de concluírem o recém realizado curso de Corte e Costura, uma iniciativa da Paróquia e do SESI. Diziam algumas mulheres entrevistadas, que não haviam recebido o diploma do curso e desejavam que isto se concretizasse”.

Teorizando sobre a formação de Grupos, recorremos a Boff, (1978, p: 55) que coloca:

“o trabalho com grupos, se desenvolve a partir de estudos dos problemas reais da população ou classe social, com quem vai se trabalhar, onde o agente social, deve ter uma ação que permita estar junto, inserido dentro das iniciativas, lutas ou ações embrionárias já em curso, descobrindo desde o início como a população

está reagindo aos problemas que convive. Deve-se, na medida do possível, aproveitar o que já existe, o que vem de dentro, não sendo necessário colocar algo novo, imposto para iniciar da estaca “zero”, ou desenvolver necessidades para determinados grupos. podendo partir de uma ação espontânea, porém organizada.

No início, é necessário que o agente, tome iniciativa e chame o povo para um encontro, e partindo-se de um problema que interesse grande parte do grupo, se expõe.

O trabalho popular se processa em dois momentos: ‘Reflexão e Ação’.

A reflexão, tem um cunho essencialmente educativo, parte da teoria, que visa o entendimento da realidade, é o momento da conscientização. É o próprio ato do conhecimento, ou faz parte da Educação Popular”.

Continuando Castro coloca:

“Diante deste interesse manifestado fizemos o convite para a 1ª reunião com algumas mulheres, para tratarmos de discutir as possibilidades das alunas do Curso de Corte e Costura receberem seus certificados.

Tive entendimentos com a Paróquia e com o SESI; outras reuniões em que algumas mulheres foram trazendo outras, que haviam par-

ticipado do curso. E com todas elas foram-se programando a data, local, os convidados e a festividade da entrega dos diplomas;

Este primeiro projeto sustentado por relações participativas e por um processo organizativo, se manteve até a realização da cerimônia de entrega dos certificados do Curso de Corte e Costura.

Depois, houve uma queda na participação das mulheres. Algumas vinham a reunião mas não voltavam na outra; o que se havia discutido, em relação as atividades do grupo a seu objetivo em uma reunião, tinha que ser reiniciado na outra, porque as pessoas que vinham não eram as mesmas. Foram quatro meses de novas tentativas, novas entrevistas. A maioria das pessoas moravam há pouco tempo na Rua São Vicente de Paula, quase não havia o que se poderia chamar de relação de vizinhança ou de amizades na Rua, ou nas vizinhanças da São Vicente de Paula”.

Como podemos perceber, pelo depoimento de Castro, a participação ocorria de acordo com os interesses pessoais, já que não havia um convívio com laços de amizade entre os participantes e até mesmo pelo pioneirismo das ações grupais na comunidade.

Segundo FREIRE, (1974, p: 29)

“A conscientização é um ato de conhecimento, implica desvelamento da realidade com a qual vou me adentrando pouco a pouco na

essência mesmo dos fatos como objetos cognoscíveis, para desvelar a razão de ser destes fatos”.

Continuando Castro:

“Mas aos poucos as mulheres foram se sensibilizando à criação de um Grupo, sugerindo projeto para trazer mulheres às reuniões, manterem uma freqüência que permitisse criarem relações participativas e suas formas de organização.

A amizade entre elas foi se fortalecendo, a solidariedade começou a emergir, quando quiseram fazer enxovais para crianças pobres, cujas mães recorriam à ajuda da Assistência Social São Luiz”.

Nas relações de amizade geralmente são colocadas as necessidades imediatas, a partir daí, pode surgir laços significativos e uma relação duradoura.

Segundo Albertoni (1989, p: 74):

“A amizade nasce como uma relação interpessoal, entre individualidades contrapostas ao grupo, mas pode transformar-se, ela também, gradualmente em grupo”.

Castro Coloca:

“As senhoras que começaram a confirmar sua freqüência e seu interesse em se reunirem eram habilidosas e trouxeram estas habilidades ao cenário das reuniões, dando inicio as atividades que resultava na confecção de enxovais para recém-nascidos, desde a mobilização de recursos financeiros para aquisição de tecidos e de

lã, até à confecção das peças, a composição dos enxovais, a seleção de mães gestantes e a distribuição dos enxovais”.

A partir da vivência grupal, inicia-se um processo de incentivo, a participação entre as próprias mulheres, surgindo também um processo de organização manifesto pelas integrantes do Grupo.

Segundo Capalbo (1980, p: 32):

“Significação subjetiva não é sinônimo de exclusividade para um indivíduo. Significação subjetiva quer dizer que ela é manifestação do fenômeno para um sujeito, a partir de um lugar, de um ponto de vista que podem ser vivenciados e experimentados por quaisquer sujeitos que se posicionem neste lugar e neste ponto de vista. A significação subjetiva é de fato intersubjetiva, comunitária, e não individual e isolada. A significação é vivenciada pessoal de um sujeito, pois é por ele experimentada, mas ela é ao mesmo tempo de valor universal, pois pode ser vivenciada, compreendida e comunicada por outros sujeitos”.

Ainda Castro:

“Intermediavam estes trabalhos com a programação e execução dos lanches, de festividades de aniversários e outras que sustentavam as relações afetivas e oportunizavam o estabelecimento de relações que eram participativas e pedagógicas, que significavam trocas de conhecimentos e de ampliação da consciência que tinham

da vida, do casamento, da maturidade, da educação dos filhos, dos acontecimentos da localidade / comunidade mais próxima e mais ampla da realidade da Rua São Vicente de Paula, à Paróquia e ao município”.

Sobre assunto, citamos parte da entrevista com Dona E.S., senhora que fez parte da fundação do Grupo de Senhoras:

“Olha bem que eu tentei deixar de participar do Grupo, mas não consegui me desvincular, quando mudei do bairro, decidi participar das atividades de outra Paróquia, porém tive que voltar para cá. Esse Grupo faz parte da minha vida, não consigo deixar. Aqui eu tenho minhas amigas, encontro conforto, somos como uma família, para mim elas são como minhas filhas, temos liberdade de criar e assim nos realizamos”.(Entrevista em 05/10/95).

Nas relações sociais criadas pelos membros dos Grupos, a afetividade e o companheirismo são muito presentes, e muitas vezes são confundidos ou comparados com a relações familiares, onde, principalmente a mulher, passa a tratar os membros do grupo como seus filhos.

Continua Castro:

“Após um tempo, resolveram criar possibilidades de reunirem as gestantes e orientá-las na confecção dos enxovais enquanto faziam elas próprias e / ou trocavam os enxovais de seus bebês e recebiam orientações sobre a gestação e nascimento dos bebês.

As festividades de Natal eram celebradas pelo Grupo com atividades que são próprias destas celebrações; e nestas programações surgiu o interesse delas de fazer a festividade dos “Velinhos da Paróquia”; visitara-os, convidara-os para a festividade, acrescentaram Cestas de Natal, com alimentos, que eram presenteados a eles.

Nesta solidariedade manifestada pelas mulheres do Grupo às pessoas da Terceira Idade, que por sua pobreza, não podiam celebrar com uma bom jantar, o seu Natal, foi-se originando o Grupo Santana, cuja gestação se deve ao Grupo de Senhoras São Luiz.

O tempo foi passando, mas o Grupo de Senhoras São Luiz continuou até hoje.

E até hoje, há mais de 30 anos, ainda com alguns membros da época de sua criação e outros que foram vindo, e continua o grupo na suas reuniões semanais.

Quando o Grupo de Senhoras São Luiz, fez 15 anos prestou-me uma homenagem. E agora nos emociona saber que algumas de suas mulheres, fundadoras, nos citam como a estagiária que fez tantos esforços para com elas, criar o Grupo Santana, que se fez pioneiro enquanto criação do Grupo da Terceira Idade junto as Ações Sociais da Arquidiocese que somam hoje aproximadamente 80 gru-

pos nas Paróquias, e que são eles sujeitos de sua própria organização e ação.

Sobre o Grupo de Senhoras, também colocamos o depoimento de M. S., participante do Grupo, desde sua fundação.

“Éramos em poucas no início, a turma do Grupo se reunia na Vila São Vicente, o Padre colocou lá uma Santinha para nós rezar, a qual mais tarde era levada de casa em casa, para arrecadar dinheiro para as despesas com a confecção dos enxovais de bebês. Nesta época, não existia a LBA, e o grupo tinha que se manter com verbas das senhoras voluntárias. Iniciamos as atividades, com 5 ou 6 senhoras. Hoje estamos em 17 participantes”.

Continuando Castro coloca:

“Ainda enquanto estagiária fiz um trabalho com grupos de adolescentes meninos que hoje entram na categoria de “meninos de rua”; reunimos homens, mulheres para debaterem e refletirem sobre os interesses às questões comunitárias e que começaram a instrumentalizar a criação de um Conselho Comunitário na Rua São Vicente de Paula.

E nossas colegas criaram grupos de jovens / mulheres e uma “Agência de Família”.

Ainda cabe acrescentar nesta entrevista, que os trabalhos de Serviço Social se estenderam, enquanto “campos de estágio, para outras

Paróquias até quando se estruturou a Ação Social Arquidiocesana de Florianópolis - ASA , e constitui sua equipe de assistência social que deram prosseguimentos e coordenação aos trabalhos das diversas equipes de alunas de Serviço Social, que durante anos sustentaram a Ação interventiva de Serviço Social em Paróquias de Florianópolis.

Cabe ainda dizer, que com um Professor de Sociologia e de Economia da Universidade Federal de Santa Catarina, já como Assistente Social e Professora do Curso de Serviço Social, realizamos uma Pesquisa Sócio-econômica e religiosa, em todos os municípios pertencentes a Arquidiocese na época, que deu origem ao I e ao II Plano de Pastoral de Conjunto e à estruturação da Ação Social Arquidiocesana de Florianópolis.

Percebemos que o Grupo de Senhoras São Luiz, fundado pela estagiária de Serviço Social Zulamar, teve seus objetivos bem definidos a partir de sua fundação, pois mesmo com as transformações sociais ocorridas, continua a desenvolver suas atividades com ações voltadas às pessoas carentes da comunidade, mantendo um processo democrático e participativo entre seus membros.

Sobre o Grupo atualmente, Dona E.S. Coloca:

“Eu fui Presidente do Grupo por muito tempo, agora é a Dona Clelia, nós temos eleições de dois em dois anos, mas ninguém quer ser presidente, porque a presidente aqui, só tem responsabilidade.

Nós não temos envolvimento com políticos ou com instituições, nós realizamos nossos trabalhos com recursos nossos e o que angariamos com realização de Chá beneficente e a feira dos trabalhos manuais, preservamos certas tradições do início do Grupo, como O Natal dos Velinhos, e reservamos momentos para orações”.

Contatamos nas vivências relatadas, que o Grupo de Senhoras São Luiz, tem uma preocupação com a sociedade na totalidade.

Conforme coloca Dona M. S.:

“Entendemos que as políticas sociais direcionadas ao povo devem ser bem analisadas, ou até mesmo reformuladas, pois hoje, como está não atinge quem realmente necessita. A meu ver, o processo político só será resolvido com a educação. Pois, povo educado luta por seus direitos, e cumpre seus deveres”.

Conforme foi colocado acima, a partir do processo educativo, o povo adquire e desenvolve sua conscientização, podendo assim influir na transformação social.

As atividades realizadas no Grupo, são desenvolvidas com espontaneidade, num processo democrático, onde tudo é resolvido em conjunto.

Percebemos também, que o Grupo de Senhoras São Luiz, concretizou os objetivos propostos em sua fundação, pois a partir dele foram surgindo

outros Grupos, dos quais, destacamos o Grupo de Idosos Santana, o qual relatamos em nosso próximo capítulo.

CAPÍTULO II

2.1 - GRUPOS DE TERCEIRA IDADE

- UMA OPÇÃO PARA O IDOSO

A sociedade atual tenta não apenas tirar nosso direito à morte, mas também nosso direito à vida. Com frequência, priva a infância de alegria, submete o adolescente rebelde a uma causa inútil, intimida o adulto para uma incerteza contínua; mais trágico que tudo, nega-nos a dignidade de nossa velhice.

Os idosos são privados de opções, a única coisa pela qual lutaram durante a vida inteira para conseguir, e sem opção são relegados à decadência - sozinhos, solitários e desamparados.

Uma das alternativas colocadas para as pessoas da Terceira Idade enquanto espaço de lazer, de troca de experiências, de conhecimentos e formação de amizades, são os Grupos.

O Grupo de Idosos vem ao encontro dos indivíduos como uma forma de superação: ser idoso no Brasil significa dizer, fazer parte do vultoso número de excluídos, em face não só de uma política neo liberal, voltada tão somente

para valorização do capital, como principalmente, pelo equivocado pensamento de uma pretensão moral social conforme aduz Salgado, (1989, p:74):

“Durante muitos anos se descuidou desse grupo etário, pois todas as grandes disposições em qualquer sociedade estão sempre mais voltadas ao atendimento prioritário dos jovens e muito embora não existam formalmente diferenças de direito entre jovens e idosos, a política desenvolvimentista está sempre mais atenta para os primeiros”.⁹

O Grupo de Idosos, tem se apresentado para muitas pessoas como sendo um momento de superação, pois desenvolve o espírito de luta, despertando para a consciência dos direitos de cidadão e de pessoa humana.

Segundo Buscaglia (1978 p: 145):

“Nos grupos as pessoas desenvolvem sua capacidade sentindo-se igual aos demais componentes, é uma maneira de superar a discriminação, principalmente se levarmos em conta que vivemos numa sociedade cheia de preconceitos, e onde as pessoas são julgadas pelo que fazem ou tem e não pela sua qualidade de ser humano.”

⁹SALGADO, Marcelo Antônio, Velhice uma questão social. Biblioteca SESC. Série Terceira Idade.

há Durante muito tempo, só se privilegiou o jovem, e a sociedade foi criando modelos que deviam ser seguidos, com isso marginalizou o idoso, fazendo com que ele se sentisse inútil.

Conforme coloca Salgado, (1989, p:16):

“por ser uma construção social, ‘invenção’ de processos sociais e psicossociais, a velhice e o idoso emergem da dinâmica demográfica, do modo de produção econômica, da estrutura e organização de grupo e classes sociais, dos valores e padrões culturais vigentes das ideologias correntes e dominantes e das relações entre o estado e a sociedade civil”.

✕ As pessoas sempre envelheceram, porém nas últimas décadas o idoso passou a ser uma preocupação social, entendemos que isso está acontecendo devido o a transformação neste contingente da população, com o prolongamento da estimativa de vida da humanidade. Segundo estimativas da Organização Mundial da Saúde, no ano dois mil, a população idosa será equivalente as demais ou seja, uma proporção de 50%.¹⁰

Neste sentido, concordamos com Buscaglia, (1978, p: 104)

“Não temos permissão de envelhecer, sem uma profunda sensação de vergonha. Dizem-nos que as rugas devem ser odiadas, que perder o vigor fisiológico é se tornar inútil, que com nossos sentidos debilitados perdemos toda a esperança de alegria, estética e pro-

¹⁰ ISTOÉ/1308-26/10/94.(Comportamento, p:26)

atividade. Somos influenciados para que escondamos nossa idade, ocultemos as rugas e pintemos o cabelo. Limitando nossas atividades em lazer, para não sermos um fardo para a família e o estado". (Buscaglia, 1978).

Porém, não basta para a humanidade viver mais, é necessário que todos tenham condições de viver bem, os Grupos voltados para a Terceira Idade tem proporcionado uma alteração na vida de muitos idosos, pois é ali que o idoso encontra pessoas com as mesmas deficiências, e / ou as mesmas capacidades, onde ele pode sentir-se igual, não se sentindo marginalizado.

Segundo Neri, (ISTOÉ/1308-26/10/94):

"envelhecer tem aspectos positivos, como a sabedoria acumulada e a liberação dos papéis familiares e profissionais, permitindo investimentos em auto-realizações e atividades para as quais muitas vezes não se tem tempo ao longo da vida, como esportes cursos e viagens".

Entre os muitos tipos de Grupos existentes, encontramos os Grupos que direcionam suas atividades à pessoas da Terceira Idade, onde, um dos seus principais objetivos é amenizar a solidão do idoso e lutar para que o Idoso sintase inserido na sociedade.

Segundo Rodrigues, (1991, p:3), os grupos direcionados a Terceira Idade, tem os seguintes objetivos:

“- Promover e ressocializar o idoso, proporcionando-lhe oportunidade de ser útil;

- responder de forma dinâmica a todas as necessidades expressas ou não do idoso, para que se beneficie ao máximo da vida grupal;

7 - proporcionar aos membros do grupo, ajuda mútua na resolução de problemas individuais, que, porventura, existam, desenvolvendo relações pessoais, que, porventura, existam, desenvolvendo relações pessoais e intercambiando afeto e compreensão;

- desenvolver atividades, as mais variadas possíveis: recreativas, sócio-culturais, de produção, de auxílio e assistência, que lhes dêem prazer e que contribuam para sua reintegração na sociedade;

- proporcionar a integração do grupo com outros grupos existentes na comunidade e com pessoas de outras faixas etárias, incentivando, assim, o convívio entre gerações”.

Identificamos vários desses objetivos no Grupo de Idosos Santana, que é o alvo principal deste trabalho.

2.2 GRUPO DE IDOSOS SANTANA A PARTIR DE SEUS COMPONENTES

Para melhor entendermos as atividades desenvolvidas pelo Grupo de Idosos Santana, se faz necessário que conheçamos sua origem e seu surgimento.

Este Grupo, foi o pioneiro a desenvolver atividades relacionadas à Terceira Idade, na Arquidiocese de Florianópolis.

O Grupo de Idosos Santana, é composto atualmente, por 32 senhoras, não existindo a participação masculina.

As mulheres que compõem o Grupo, estão na faixa etária entre 60 à 78 anos, das quais, seis participam das atividades do Grupo desde sua fundação; oito participam a mais de cinco anos; as demais, ou seja, dezoito iniciaram junto ao Grupo nos últimos cinco anos.

Das senhoras que participam do Grupo de Idosos Santana, apenas nove participam apenas desse grupo, onze senhoras participam de dois grupos,

sete, participam de três grupos, e cinco, participam de quatro grupos, assim sendo estão todos os dias da semana em grupos diferentes.

O nível sócio econômico das senhoras do grupo apresentou-se da seguinte maneira: quinze senhoras são aposentadas, doze recebem pensão dos maridos já falecidos, cinco senhoras responderam que não recebem aposentadoria e nem pensão.

× O estado civil das participantes do Grupo apresentou-se da seguinte maneira, casadas dez senhoras, solteiras quatro componentes, sendo que dezoito, são viúvas.

Das mulheres que participam do Grupo de Idosos Santana, doze delas moram no centro da Cidade de Florianópolis, dez pertencem ao Bairro Agrônômica, e dez são procedente de outros Bairros da Cidade.

Quando iniciamos nosso estágio curricular de Serviço Social junto ao Grupo de Idosos Santana, conhecemos dona A.S., uma das fundadoras do Grupo, e que faz parte do Grupo ocupando o cargo de presidente, a qual entrevistamos, para podermos conhecer melhor o grupo em que iríamos atuar, onde dona A.S. nos Coloca:

“Este Grupo teve seu inicio em 1962, quando uma estagiária de Serviço Social, Chamada Zulamar Castro, criou um Grupo de Senhoras, do qual surgiu este e mais outros. A partir do Grupo de Senhoras, com a programação do ‘Natal dos Velhinhos’”, eu e outra

senhora dona N. (já falecida), que participávamos do referido grupo, tivemos a idéia de fundar um grupo para pessoas idosas e solitárias que viviam abandonadas na comunidade.

Iniciamos o Grupo seguindo os mesmos princípios do Grupo de Senhoras, isso no ano de 1972, com a participação de dez idosos, os quais passaram a colaborar nas atividades de trabalhos manuais, cada um conforme sua capacidade, para a confecção de enxovais de bebes para mães carentes. Também direcionamos nossas atividade para o lazer, organizando tardes festivas com bingos, chá, e momentos reflexivos de oração, e discussão das políticas sociais para o Idoso”.

A partir das colocações de dona A., percebemos que a preocupação das fundadoras do Grupo, bem como os objetivos, vinham ao encontro a uma necessidade emergente de seus participantes na época.

Na década de setenta, muitas instituições iniciaram suas atividades direcionadas para a área da Terceira Idade, cujos objetivos era a reintegração do idoso na sociedade.

Continuando dona A.S. coloca:

“O Grupo de Idosos teve uma boa aceitação por parte dos participantes, e logo foi crescendo, com o tempo as atividades desenvolvidas foram mudando, hoje, os trabalhos manuais são direcionados para a confecção de panos de pratos bordados e com crochê, que

servem para a realização de uma feira, cujos objetivos é angariar fundos para a manutenção do Grupo, com viagens, passeios, bingos e outras atividades.

A partir dos relatos de dona A.S., e pela observação enquanto estagiária junto ao Grupo, percebemos que o ser humano, por natureza, necessita estar em contato com outras pessoas, e pelo processo da comunicação e do vivido no seu cotidiano, que se concretizam as relações sociais.

Segundo Pavão, (1988, p:32):

“O dialogo propicia uma forma de relação, em que o encontro entre o eu e o outro se dá por meio de situações concretas vividas no cotidiano e permite a compreensão do outro. É no encontro, entre o Xeu e o Outro, nessa experiência vivida que se pode compreender o ser, um ente capaz, de abertura, de acolhimento”.

A partir das ações refletidas e dialogadas, onde as pessoas expressam-se livremente, que surgem aspectos significativos de suas vivência e o significado de sua participação.

Conforme coloca dona M.A.:

“Antes de entrar para o Grupo, eu era só, vivia mal humorada e não falava com ninguém, hoje, estou totalmente mudada, vês como sou tagarela, falo com todo mundo, aprendi a me comunicar com as pessoas e a sociedade”.

Neste sentido, concordamos com Freire, (1974, p: 94), quando diz:

“O diálogo é uma exigência existencial, e se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos interessados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco, tornar-se simples troca de idéias a ser consideradas pelos permutantes. Não há diálogo se não houver um profundo amor ao mundo e aos homens”.

Partindo das ações dialogadas, procuramos observar os fenômenos através do vivido no cotidiano do Grupo, para dessa forma termos uma compreensão dos conteúdos significativos dos fenômenos observados na realidade vivida.

Para isso, recorreremos aos procedimentos adotados por Pavão, (1988, p: 81), envolvendo quatro momentos:

“1º Gravação - que proporcionou o registro do diálogo durante o trabalho, e guardou, fundamentalmente aquilo que foi dito;

2º Transcrição - obedecendo aos procedimentos dessa técnica, o que resultou no documento que foi utilizado para análise e classificação do material obtido;

3º Classificação - que permitiu o surgimento de tipos emergentes das situações vividas, cuja intenção foi de descrever o fenômeno

observado de maneira significativa, ou apreender a sua própria estrutura;

4º - Interpretação - Foi feita dentro de uma reflexão fenomenológica, sem no entanto pretender ser uma análise definitiva, pois a realidade contém uma infinidade de perspectivas; e a compreensão do objeto de pesquisa nunca é fechada, permitindo assim uma constante transformação.”

Durante nossa atuação junto a Grupo de Idosos Santana, realizamos algumas atividades de reflexão, onde seus membros em equipes de 4 a 5 componentes debatiam os temas propostos, onde abordamos o significado da participação.

Sobre esta categoria, obtivemos dos membros do Grupo os seguintes depoimentos:

Equipe “A”:

“Para nós, participar significa fazer parte do Grupo, e estar sempre presente, fazendo as atividades do Grupo, bem como participar das festas e passeios organizados pelo grupo”.

→ Entendemos que a participação faz parte da vida do ser humano, por ser um ser social tem necessidades de estar em relação com seus iguais.

Concordamos com Freire, (1980, p:40):

“O homem não pode participar ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade, se não é auxiliado a tomar consciência da realidade de sua própria capacidade, para transformá-la”.

Dona L.B., coloca:

“Participando aqui do Grupo, eu tive outra visão da vida, e da sociedade, me sinto ativa, gosto muito de ajudar as pessoas, assim eu também estou crescendo, pois sempre estou aprendendo coisas novas”.

→ A partir da participação na sociedade o idoso toma consciência de sua existência, bem como passa a atuar junto os seus semelhantes.

Para Freire, (1980, p: 44):

“a conscientização, é um ato de conhecimento em que o homem à medida que se percebe no mundo, atua nele e com ele. A conscientização não pode existir fora da “práxis”, unidade indissolúvel entre a ação e a reflexão sobre o mundo”.

As componentes da Equipe “B” colocam:

“Entendemos que participando do Grupo nós podemos lutar por nossos direitos, e estamos nos ajudando buscando nosso espaço na sociedade”.

→ A partir das respostas obtidas, foi possível perceber que a consciência de um ser social, com direitos e deveres, tem que ser trabalhada junto à co-

munidade, especialmente quando se trata de pessoas idosas, as quais durante sua existência já passaram por muitas privações pelo sistema e pelo Estado. Neste sentido, concordamos que a conscientização social é um processo longo, a ser construído gradativamente.

Conforme coloca, Dona M.S.:

“Sabemos que temos direitos garantidos como idosos, mas fazer esses direitos serem cumpridos, é processo difícil, tem coisas que são leis, mas se a gente procura demora um bocado para se resolverem, muitas vezes o Idoso desiste, para não morrer na fila esperando. Um exemplo é a situação atual da saúde, que deixa muito a desejar, e o Governo diz que todos tem direito a saúde gratuita”.

As políticas sociais em nosso País, ainda deixam muito a desejar, em todas as áreas, porém o que se refere ao idoso, deveria ser priorizado, pois ele já trabalhou uma vida toda, pagando por um seguro de aposentadoria, e muitas vezes pela burocracia, morre antes de usufruir.

Segundo Freire (1980, p:26), a conscientização é:

“um compromisso histórico. É também consciência crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. Exige que os homens criem sua própria existência com um material que a vida lhes oferece”.

Concordamos com Freire, que a conscientização é um processo fundamental na vida do ser humano, e que os direitos básicos devem ser cumpridos.

No que se refere ao idoso, entendemos que ele deve ter consciência de sua existência e de seus direitos como cidadão, que mesmo com sua idade avançada e degeneração física incapacitando-o para algumas tarefas, ele é um ser dotado de inteligência e experiências adquiridas à longo da vida, bem como, pode ser ativo sentindo-se útil à sociedade.

Concordamos com Melo (1992, p:47), quando enfatiza que:

“Já é hora dos velhos lutarem pela sua dignidade e sua cidadania, voltando a participar substancialmente, desempenhando seu novo papel, usando produtivamente seu tempo, suas qualidades e especialmente suas experiências”.

→ Em nossos contatos, com pessoas idosas, foi possível observar, que os Grupos de Terceira Idade têm incentivado a atuação do idoso, tornando-os ativos, e revendo seu papel junto à família e à comunidade. A partir dos Grupos, a pessoa idosa adquire confiança e passa a valorizar-se como ser humano.

Conforme coloca Dona L.M.:

“Eu participo de quatro Grupos, tomo conta de um neto e dois filhos, cuido da casa pela manhã, porém à tarde o meu tempo para os grupos é sagrado, eu saio diariamente, é um compromisso para

mim, é aqui que eu me sinto bem, não suporto ficar só, é aqui que encontro paz e harmonia”.

Segundo Wojtyla (1982, p: 323), na comunidade e ou nos grupos,
“Encontramos a realidade da participação enquanto propriedade de pessoa que lhe permite atuar ‘junto com outros’ e, portanto, chegar a sua própria realização.

Simultaneamente a participação enquanto propriedade da pessoa é um fator construtivo de toda a comunidade humana, devido a esta propriedade, pode-se dizer que chegou a fundir-se a pessoa e a comunidade”.

→ É pela participação que o idoso descobre suas capacidades enquanto pessoa e ser social.

Conforme parte da entrevista de Dona A. S.:

“Eu era fechada, não tinha iniciativa, me achava inútil, comecei a participar do Grupo, aprendi muitas coisas descobri que tenho capacidade, me entrosei com outras pessoas, agora sou comunicativa, para mim o grupo foi a melhor coisa que poderia ter acontecido”.

Através do diálogo, da comunicação se revela a vida, o idoso tem necessidade de sentir-se, útil.

Segundo Wojtyla (1982, p: 317):

“A capacidade de atuar junto com outros é que faz possível a realização de tudo aquilo que é consequência da atuação em comum e,

ao mesmo tempo, permite ao que está atuando realizar com eles o valor personalista de sua ação”.

→ No cotidiano, o diálogo se concretiza através das experiências vividas, permitindo a compreensão da pessoa como capaz de abertura e de acolhimento do outro, possibilitando a transformação do homem e do mundo.

Conforme coloca Dona F.S.

“Para mim, iniciar a participar do Grupo de Idosos, foi renascer, pois eu tive uma vida muito difícil, era pobre tive que trabalhar muito, além de sofrer muita discriminação, eu não sabia ler, e sofria muito com isso. Desde que eu comecei a participar do Grupo, eu voltei a estudar, não tenho vergonha de falar que vou para o Colégio com esta idade, eu aqui me sinto muito feliz, superei todos os meus complexos, o Grupo faz parte de minha vida, através dele eu me transformei”.

O convívio em grupos direcionados para a Terceira Idade, gera condições para o engajamento político e social do idoso na sociedade. Conforme colocou Dona F. S. sua vida teve grandes transformações a partir do Grupo, o reconhecimento social oportuniza as pessoas se reorganizarem e fazerem novos projetos de vida, buscando sua libertação saindo da condição de marginalizados.

Em nossas observações, as pessoas com quem atuamos no Grupo de Idosos Santana, passaram a dar um novo significado em suas vidas a partir da participação, conforme coloca Dona Z.A.:

“O grupo, para mim, é o começo de uma nova vida, eu passei a conhecer novos amigos, melhorei meu relacionamento com a família e a comunidade, desenvolvo hoje tarefas, que me achava incapaz de fazer antes, aqui foi o começo de uma nova vida, eu não me vejo fora do Grupo, tenho necessidade de estar sempre em contato com minhas colegas”.

→ O Grupo de idosos tem se apresentado para seus membros como um espaço de transformação dando um novo significado para suas vidas.

Neste sentido, concordamos com Freire (1987, p:89):

“Os homens, pelo contrário, ao terem consciência de sua atividade e de mundo em que estão, ao atuarem em função de finalidades que propõem e se propõem, ao terem o ponto de decisão de sua busca em si e em suas relações com o mundo, e com os outros, ao impregnarem o mundo de sua presença criadora através da transformação que realizam, não somente vivem, mas existem, e sua existência é histórica”.

É no convívio social que a pessoa percebe-se e passa a aceitar suas diferenças a partir de seus iguais.

→ Nesse sentido, nossa sociedade que rotulou o idoso como velho e inútil, criou um problema social, há necessidade de mudar essa concepção.

→ Não podemos concordar com o preconceito, pois o ser humano jovem ou idoso, é pessoa, e como tal deve ser tratado e respeitado.

→ O envelhecimento é uma consequência cronológica, e ninguém pode parar o tempo, para permanecer jovem.

→ A sociedade cria preconceitos fazendo com que a pessoa sinta-se fora dos padrões “normais”, estipulado por ela, tanto quanto a beleza que é rotulada e padronizada a idade também torna-se um referencial.

→ Se buscamos igualdade e o bem estar do ser humano, devemos romper com os “modelos” edificados pela sociedade.

→ Concordamos com Salgado (1988, p: 4), quando coloca:

“o velho não deve ser tratado como um ser diferente dos demais. A velhice deve ser uma idade abrangente, apesar de todas as limitações. O envelhecimento útil e feliz não pode ser apenas um mito. Cabe à sociedade a responsabilidade de redefinir, sócio e culturalmente o significado da velhice, possibilitando a restauração da dignidade para esse grupo etário. Cabe a cada idoso o compromisso de lutar, pois se a sociedade inventou a velhice, devem os idosos reinventarem a sociedade”.

Há necessidade de se repensar os valores sociais, porque se a velhice fosse algo prejudicial não haveria necessidade de se lutar pela vida.

Segundo Buscaglia (1978, p:78):

“Não temos permissão de envelhecer, sem uma profunda sensação de vergonha. Dizem-nos que as rugas devem ser odiadas, que perder o vigor é se tornar inútil, que com nossos sentidos debilitados perdemos toda a esperança de alegria, estética e produtividade. Somos influenciados para que escondamos nossa idade, ocultemos as rugas e pintemos o cabelo. Limitando nossas atividades em lazer, para não sermos um fardo para a família e o Estado”.

→ O idoso inserido nos Grupos passa a ter melhor compreensão e aceitação de suas condições, enfatizando a sua valorização e orgulhando-se de sua capacidade.

Conforme colocado por dona A.V.:

“O grupo para mim, foi algo muito significativo, aqui sou querida e valorizada, encontrei amigos, conheci e aprendi muita coisa, o grupo me ajudou a mudar, é aqui que eu sou feliz, penso que toda pessoa deve ter a oportunidade de conviver em grupo”.

→ Durante nossa prática de estágio, foi possível compreender o significado do Grupo na vida das pessoas idosas, onde elas passam a participar da vida

comunitária de maneira mais ativa, e conseqüentemente, melhorando seu relacionamento familiar e social.

✚ Pela conscientização, o idoso faz parte de um processo mais amplo, inserindo-se e engançando-se nas lutas pelo resgate de sua cidadania.

✚ Nesta busca, por uma sociedade mais justa, é que todo o povo deve lutar, fazendo com que o Estado cada vez mais cumpra seu papel junto à população.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao executarmos este trabalho, evidenciamos que a questão social direcionada à terceira idade é permeada pelo preconceito, excluindo o idoso do convívio social.

Em nossa sociedade, ser idoso, significa estar relegado a marginalidade, onde o abandono pela família e pelo Estado é uma realidade.

No entanto, nas últimas décadas, vem surgindo várias instituições que direcionam suas atividades a este segmento da população, buscando minimizar o problema da pessoa idosa, incentivando-o a resgatar sua dignidade e seu direito a cidadania, enquanto ser humanos.

O Serviço Social vem atuando junto à terceira idade através dos grupos de idosos, onde tem oportunizado o idoso a tomar consciência de sua condição como cidadão, bem como incentivando a participação e o convívio social.

Neste trabalho, focalizamos nossa prática de Serviço Social, onde atuamos junto ao Grupo de Idosos Santana.

A partir de nossa vivência e observação junto ao Grupo, nos possibilitou relatar a importância do mesmo para seus participantes, bem como tivemos a oportunidade de identificar as relações sociais existentes no cotidiano do grupo.

Através da fenomenologia procuramos entender as seguintes categorias: amizade, participação, conscientização como um processo de transformação na vida do idoso.

Esperamos que este trabalho, possa servir ao Serviço Social como um referencial do significado do Grupo de Idosos para seus participantes.

Entendemos que esta pesquisa deve ser intensificada e ter continuidade uma vez que ela se torna importante à medida em que a reflexão com os idosos possam estar sempre em questionamento, para podermos progredir no campo do conhecimento, bem como cada vez mais buscar novas experiências.

Para o Serviço Social e as instituições que direcionam suas atividades para terceira idade, deixamos como sugestão, que cada vez mais incentivem o idoso ao convívio em grupos, pois assim, estaremos contribuindo para o resgate dos direitos do cidadão.

É necessário que a velhice seja vista por uma ótica mais justa, com atendimento condizente com sua qualidade de pessoa humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTONI, Francesco, A Amizade, Rio de Janeiro: Rocco, 1984. 159p.
- ALMEIDA, Anna Augusta de. Possibilidades e limites da teoria do serviço social. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978. 159p.
- BESSEN, Pe. José Artulino. Dom Afonso Niehues, Vida e Palavra do Pastor, Florianópolis, 1994.
- BOFF, Clodovis. Como trabalhar com o povo, 8ª ed. Vozes, Petrópolis, 1978.
- BORDENAVE, Juan E. Díaz, O que é participação, 6ª ed. Brasiliense, São Paulo, 1983. 118p.
- BUSCAGLIA, Leo. Assumindo A Sua Personalidade, 8ª ed. Editora Record, Rio de Janeiro, 1978.
- CAPALBO, Creusa, Metodologia das Ciências Sociais: a fenomenologia de Alfred Schutz. Rio de Janeiro: Antares, 1979. 102p.
- CAPAVERDE, Leonia, Uma experiência de desenvolvimento e organização de comunidade numa paróquia, Trabalho de Conclusão de Curso, UFSC, Florianópolis, 1962.
- CASTRO, Zulamar Maria Bittencourt de, O Serviço Social em uma comunidade comunitária, Trabalho de Conclusão de Curso, UFSC, Florianópolis, 1962.

DEMARCHI & LUCAS, Adair Silveira, Vismara Feldeberg, O serviço social frente à questão: velhice ou vida, T.C.C. UFSC, Florianópolis, 1993.

Diário Oficial do Estado de Santa Catarina, 27.05.1970.

Documento do Planejamento Pastoral Participativo. CNBB, Regional Sul IV

Documentos da CNBB, Diretrizes gerais da ação pastoral no Brasil, 1987 - 1990.

Elementos para a nova evangelização na Arquidiocese de Florianópolis 13^a e 14^a Assembléia.

ESTEVÃO, Ana Maria R. O que é Serviço Social, 5^a ed. Brasiliense, São Paulo, 1984.

FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática. 3^a ed. São Paulo: Moraes, 1980. 102p.

_____. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974. 184p.

GOLDEBRG, Simone, A terceira onda, comportamento, Editora Três, ISTOÉ/1308-26/10/94.

GUSMÃO, Paulo Dourado de, Manual de Sociologia, 5^a ed. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1977.

HELLER, Agnes, O cotidiano e a história, 3^a ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1989.

Igreja Missionária, Equipe Missão Jovem, Florianópolis, 1994.

KRISCHKE, Paulo José, A Igreja e as crises políticas no Brasil, Vozes, Petrópolis, 1979.

LIMA, Sandra Amendôla Barbosa, Participação Social no Cotidiano, 5^a ed. São Paulo, Cortez, 1983.

LINCOLN, Abreu Penna, Análise do saber histórico: elementos. Rio de Janeiro, Ed. Rio, 1975.

LINK, Adelaide Ferraz, Um novo projeto de vida para a terceira idade. T.C.C., UFSC, Florianópolis, 1994.

- MELO, Orfelina Vieira, *Espiritualidade na terceira e melhor idade*. Passo Fundo: P.Berthier, 1992. 150p.
- OLIVEIRA, Pe. Raul Motta de. Manual das Comunidades Eclesiais de Base, 2ª ed. Dom Carloto, Caratinga, MG. 1974.
- Orientações Pastorais, 12º Plano Pastoral
- PAVÃO, Ana Maria Braz. O principio da autodeterminação no serviço social. 4ª ed. São Paulo:Cortez, 1988. 97p.
- _____. Fenomenologia e serviço social. Debates Sociais. Rio de Janeiro: CBCISS, nº 38, p.23-39, jan./jun.1984.
- Relatório da Atividades da Ação Social Arquidiocesana, 1994.
- RODRIGUES, Nara Costa. A prática pedagógica junto ao idoso. A terceira idade. São Paulo. Ano V, nº 7, p.46-49, 1983.
- SALGADO, Marcelo Antonio. Velhice: uma nova questão social. 2ª ed. São Paulo, SESC-CETI, 1982.
- TRIVIÑOS, Augusto, N.S. Introdução à pesquisa em ciências sociais. Atlas, São Paulo, 1992.
- VIEIRA, Balbina Ottoni, Serviço Social - processos e técnicas, 4ª ed. Rio de Janeiro, 1978.
- WOJTYLA, Karol. Persona y accion. Trad. de Jesus Fernandez Zulaica. Madrid: 1982.